

A DIMENSÃO VALORATIVA DO ENUNCIADO EM O CONTADOR DE HISTÓRIAS

Ester Maria de Figueiredo Souza

Doutora, Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB), Vitória da Conquista, Bahia, Brasil.

Jaquissom Aguiar Guimarães

Mestrando, Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB), Vitória da Conquista, Bahia, Brasil.

RESUMO: Este texto desdobra-se da compreensão de que a expressão verbal assume valores dependentes do contexto na qual se enuncia. Partindo dessa premissa e fundamentando-se na abordagem dialógica proposta pelos estudos bakhtinianos, no que concerne à exposição do enunciado concreto, analisa-se no filme *O Contador de Histórias* (Luiz Villaça, 2009) a recorrência de um enunciado e sua expressividade em três cenas nas quais a personagem principal o enuncia. O enquadre teórico, no âmbito da concepção dialógica da linguagem, traz o outro como ponto central dos seus dizeres e o cotejamento das três cenas é mobilizado como orientação metodológica para tematizar sobre a sua dimensão valorativa em situações distintas de interações verbais.

PALAVRAS-CHAVE: Bakhtin. Discurso. Linguagem

ABSTRACT: This text unfolds from the understanding that the verbal expression assumes values dependent on the context in which it is enunciated. Based on this premise and based on the dialogical approach proposed by the Bakhtinian studies, with regard to the exposition of the concrete statement, the recurrence of a statement and its expressivity are analyzed in the film "O Contador de histórias" (Luiz Villaça, 2009). three scenes in which the main character enunciates it. The theoretical framework within the framework of the dialogical conception brings the other as the central point of its utterances and the comparison of the three scenes is mobilized as a methodological orientation to thematize about its value dimension in different situations of verbal interactions.

KEYWORDS: Bakhtin. Discourse. Language

INTRODUÇÃO

A palavra, assumida como enunciado consiste em um ato de intervenção na e sobre a realidade, é um território de disputa e os sentidos são resultantes dos percursos da enunciação. Como instância de linguagem, passa e perpassa todos os atos humanos e é de fundamental importância para a criação verbal, pois, é carregada de marcas valorativas da cultura e da subjetividade de quem dela se apropria. Bem assim, afirma Bakhtin: “O sentido da palavra é totalmente determinado por seu contexto. De fato, há tantas significações possíveis quantos contextos possíveis.” (BAKHTIN, 2010, p. 109). Assim, este artigo é resultado de pesquisa no

âmbito do Programa de Pós-Graduação em Letras: Cultura, Educação e Linguagens, da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB) em nível de mestrado.

Este texto aporta-se nos princípios do Círculo de Bakhtin, na inspiração do enquadre dialógico, para mobilizar a interpretação de um enunciado e sua recorrência em três contextos de produção distintos, constatando, assim, que a relação de alteridade existente entre os sujeitos e as práticas discursivas que o conforma são processos de produção de sentido.

A palavra como o signo ideológico por excelência é uma afirmação assumida pelo Círculo de Bakhtin e mobilizada como orientadora para se processar interpretações várias dos fenômenos sociais da linguagem. A assunção desse princípio possibilita depreender as entonações das interações verbais no e do *continuum* da linguagem, pois “... a palavra está sempre repleta de conteúdo e de significação ideológica ou cotidiana.” (VOLÓCHINOV, 2017, p. 180).

Assim, será processada uma análise da palavra/enunciado *Putá que la merda*, utilizando-se da acepção de enunciado concreto, pois todo enunciado é replicante e sujeito à intromissão de um outro e, ao se instaurar como discurso, expõe valorações ideológicas dos sujeitos em interação verbal.

Entretanto, a mesma linguagem que encapsula os signos é traída pela necessidade humana de expressar-se e de constituir sentido: [...] *a palavra acompanha toda a criação ideológica como seu ingrediente indispensável* (VOLÓCHINOV, 2017, p. 100). Dessa forma, a mesma palavra que se processa, cria e compreende tende a diversas valorações por ser parte da própria consciência social e por apresenta fronteiras enunciativas em relação ao outro: a alternância entre sujeitos, a conclusibilidade do enunciado e a expressividade para possibilitar o fluxo da comunicação. A conclusibilidade, a alternância e a expressividade são marcas verbais mobilizadas pelo sujeito para produzir sentidos.

Em relação à alternância, própria do jogo e tomada da palavra dos sujeitos enunciadore, no percurso da enunciação, constata-se que todo falante termina o seu enunciado com um *dixi* conclusivo, como se fosse uma senha para a continuidade da interação, ou, para a compreensão de que, para aquele instante, o percurso enunciativo se completou. Importante ressaltar que essa atitude e reconhecimento por parte dos interactantes independem da concordância verbal como expressões de planos semióticos. Todo enunciado tem um início e um fim absoluto. A partir dessa alternância, enunciados são tematizados de formas variadas.

Outra fronteira é o acabamento do enunciado, a sua conclusibilidade. Essa possibilita a tomada da palavra pelo outro. De certa maneira, se relaciona com a alternância dos sujeitos, o que faculta a réplica e a (re)tomada da palavra. Nesse cenário, instaura-se a atitude responsiva e responsável do percurso da comunicação.

A expressividade, também assumida como entonação, o tom da palavra, é onde se acentua o valor que os sujeitos imprimem ao enunciado. A palavra como potência ideológica carrega as singularidades de quem a enuncia. Adquire sentido e concretude em condições reais de comunicação discursiva. A entoação impregna sentido.

Além das particularidades do enunciado, as propriedades da palavra/enunciado são abordadas no âmbito do Círculo, na perspectiva de conformar o signo na sua dimensão ideológica. A palavra, na perspectiva bakhtiniana, é explorada em quatro propriedades: pureza semiótica; interiorização; participação em todo ato consciente e neutralidade.

A pureza semiótica dirige-se à palavra em abstração, em seu espaço dicionarizado e como potência para que se possa impregnar acepções sógnicas diversas: “Refere-se à capacidade de funcionamento e circulação da palavra como signo ideológico, em toda e qualquer esfera, diferentemente dos materiais criados especificamente para o funcionamento em uma esfera.” (STELLA, 2007, p. 179).

A interiorização remete ao valor e expressividade configurados pelos sujeitos que produzem a palavra no circuito da comunicação humana. A valoração pelo ato criador e pelas matizes que assumem ao se exteriorizar. A citação pode ser tomada como respaldo para essa compreensão da interiorização como propriedade da palavra

De fato, o ato discursivo, ou mais precisamente o seu produto – o enunciado – de modo algum pode ser reconhecido como um fenômeno individual no sentido exato dessa palavra, e tampouco pode ser explicado a partir das condições psicoindividuais e psíquicas ou psicofisiológicas do indivíduo falante. O enunciado é de natureza social. (VOLÓCHINOV, 2017, p. 200).

A participação do todo consciente, talvez, seja a propriedade mais dependente da intenção do sujeito como autor de seu enunciado, por que a palavra não se aloja na consciência interna e individual, mas tanto nesse como “ ... por meio da compreensão e da interpretação do mundo pelo sujeito, quando nos processos externos de circulação da palavra em todas as esferas ideológicas.” (STELLA, 2007, p. 179)

Do enunciado *Putá que la merda é possível* imprimir as propriedades da palavra quanto à pureza semiótica, a palavra em si mesma é vazia de sentido, e, portanto, preenchida somente no interior da comunicação discursiva, o que permite que um mesmo artefato técnico tome diversas significações. A entoação diz respeito à materialidade da consciência, a palavra é a mediadora entre o sujeito e o mundo (realidade), por seu meio, o processo de compreensão acontece. É pela palavra que o ato consciente de compreensão, interpretação e externalização se realizam.

A neutralidade, remontando a afirmação de que a palavra é o signo neutro por excelência, é tomada neste artigo como a potencialidade que a palavra, em estado de matéria discursiva, possui de se modalizar, dependendo da situação de comunicação discursiva em que estiver inserida, para adquirir uma função ideológica, transmutando-se em signo.

Qual seria então o verdadeiro centro da realidade linguística: o ato discursivo individual – o enunciado – ou o sistema da língua? E qual seria a forma da existência da realidade linguística: a formação criativa ininterrupta ou a imutabilidade imóvel das formas idênticas a si mesma? (VOLÓCHINOV, 2017, 172).

Adentrar na escrita do texto sob o enfoque dos estudos bakhtiniano, exige o reconhecimento de que a produção discursiva ocorre em eventos cotidianos, não abstratos ou formais de realização de uso da língua(gem), portanto deve-se abdicar de

[...] métodos que ignoram a essência social da arte tentam encontrar sua natureza e distinguir características apenas na organização do artefato são obrigados realmente a projetar a interrelação social do criador e do contemplador em vários aspectos do material e em vários procedimentos para estruturar o material. [...]. A comunicação estética, fixada numa obra de arte é, como já dissemos, inteiramente única e irredutível a outros tipos de comunicação ideológica. [...]. *O que caracteriza a comunicação estética é o fato de que ela é totalmente absorvida na criação de uma obra de arte, e nas suas contínuas recriações por meio da co-criação dos contempladores, e não requer nenhum outro tipo de objetivação.* Mas, desnecessário dizer, esta forma única de comunicação não existe *isoladamente*; ela participa do fluxo unitário da vida social, ela reflete a base econômica comum, e ela se envolve em interação e troca com outras formas de comunicação. (BAKHTIN, 1926, p. 4, grifos do autor)

Aportamos, ainda, na orientação de Brait (2006) quando da sua apresentação sobre o teor de se apropriar de uma da análise/teoria dialógica do discurso para processar extrações de valores que se orienta pelos

[.. .] estudos da linguagem como formulações em que o conhecimento é concebido, produzido e recebido em contextos históricos e culturais específicos e, ao mesmo tempo, reconhecer que essas atividades intelectuais e/ou acadêmicas são atravessadas por idiosincrasias institucionais e, necessariamente, por uma ética que tem na linguagem, e em suas implicações nas atividades humanas, seu objetivo primeiro. (BRAIT, 2006, p.10).

Assim, para este texto, selecionamos três cenas do filme *O Contador de Histórias* (VILLAÇA, 2009), nas quais o enunciado *Putá que la merda* compõe materialidades discursivas impregnadas de sentidos distintos: criação, espanto e desabafo. Apresentam-se cenas do filme, abordamos noções bakhtinianas para análise da dimensão valorativa desse enunciado em situações distintas de interação verbal.

No filme, o enunciado *Putá que la merda* não possui um significado estável, se realiza no processo de uma compreensão ativa e responsiva. Entretanto, essa construção não está na alma do falante, ou fruto de sua subjetividade individual, mas é um efeito da interação das ideologias do cotidiano.

O colorido expressivo só se obtém no enunciado, e esse colorido independe do significado de tais palavras, isoladamente tomando de forma abstrata [...] Quando escolhemos as palavras no processo de construção de um enunciado, nem de longe as tomamos sempre do sistema da língua em sua forma neutra [...] costumamos tirá-las de outros enunciados e antes de tudo de enunciados congêneres como o nosso, isto é, pelo tema, pela composição, pelo estilo, conseqüentemente escolhemos as palavras segundo a sua especificação de gêneros. (BAKHTIN, 2010, p. 292)

Roberto Carlos, a personagem narradora do filme, ao usar de mecanismo da memória, (re)cria enunciados. Nessa perspectiva, não se tem o intuito de decalcar uma realidade representando um acontecimento ou uma coisa enquanto uma materialidade universal, rompendo além de algo concreto e natural, um conformismo. Para analisar a palavra, é preciso considerar os contextos históricos e sociais, ou seja, a palavra em situação de uso.

UM DESTAQUE PARA O FILME: COTEJAMENTO DAS CENAS ENTRE PALAVRAS E ENUNCIADOS

No filme *O Contador de Histórias* (VILLAÇA, 2009), a personagem principal, Roberto Carlos, em três momentos, se apropria de uma mesma palavra/enunciado para expressar-se em contextos distintos. O cotejamento dessas três cenas do filme nas quais o enunciado *Putá que la merda* se materializa compõe materialidades discursivas impregnadas de sentidos distintos,

como: criação, espanto e desabafo. Isso, a nosso ver, é expressão das dimensões valorativas da linguagem em interação verbal.

a) Primeiro enunciado

No primeiro enunciado *Putá que la merda* Roberto está no pátio da instituição e conversa com Samuel, também, conhecido como Foguinho. Em narrativa *off*, explica-se que naquela instituição, uma regra para se afirmar autoridade perante os pares é a de falar muitos palavrões. A conversa entre Roberto e Samuel orienta-se por essa disputa para constatar quem esgota a maior quantidade de palavrões:

Transcrição da diálogo do primeiro enunciado

SAMUEL: É... Caralho!

ROBERTO: Porra!

SAMUEL: Merda!

ROBERTO: Bosta!

SAMUEL: Cu!

ROBERTO: Buceta

SAMUEL: Veado!

ROBERTO: Vagabunda!

SAMUEL: Vagabunda acho que não é palavrão.

ROBERTO CARLOS: Não?

SAMUEL: Não.

ROBERTO CARLOS: E Puta que lmerda?

SAMUEL: Puta que la merda é bacana.

OS DOIS: Puta que la merda!

(VILLAÇA, 2009)

Na cena, Roberto Carlos e Samuel ao proferirem o termo *Putá que la merda* há uma admiração. A palavra toma forma e existência para uma expressão de um ato criador de um repertório que foi ativado no momento da interação entre eles.

Cena do filme – Primeiro enunciado



Fonte: Filme O Contador de Histórias, Villaça (2009).

Pode-se envolver esse primeiro enunciado proferido por Roberto como as palavras em direção ao tema, o estudo da significação contextual da palavra nas condições de um enunciado concreto; ou em direção ao limite da significação, da palavra dicionarizada.

Volóchinov denomina de objetivismo abstrato a direção que [...] *tende a afirmar a realidade e a objetividade imediata da língua como sistemas de formas normativas e idênticas* (VOLÓCHINOV, 2017, p. 176). Entretanto, *Putá que la merda* não possui um significado estável, ela é puramente tema que se realiza no processo de uma compreensão ativa e responsiva. A segunda perspectiva denominada de *subjetivismo individualista*, é um efeito da interação das ideologias do cotidiano. Contudo, os estudos do Círculo Bakhtiniano opõem-se a essas duas orientações do pensamento filosófico sobre a linguagem, porque assumem a enunciação como parte integrante da atividade linguística, pois,

Na realidade não são palavras o que pronunciamos ou escutamos, mas verdades ou mentiras, coisas boas ou más, importantes ou triviais, agradáveis ou desagradáveis, etc. *A palavra está sempre carregada de um conteúdo ou de um sentido ideológico [ideologia formalizada] ou vivencial [ideologia do cotidiano]*. (VOLOCHINOV, 1986, p. 95, grifos do autor).

A enunciação é entendida pela teoria bakhtiniana como sendo a unidade da linguagem em sua expressão linguística real, logo, o produto dessa expressão verbal é o enunciado e pressupõe sempre a existência de um falante e de um ouvinte, em atitudes respondentes e responsivas:

A verdadeira substância da língua não é constituída por um sistema abstrato de formas linguísticas nem pela enunciação monológica isolada, nem pelo ato psicológico de sua

produção, mas pelo fenômeno da interação verbal, realizada através da enunciação ou das enunciações. A interação verbal constitui assim a realidade fundamental da língua (BAKHTIN, 2006, p. 125)

Para Volóchinov (2017), o fundamento de toda significação, expressão e ressignificação é social. O signo é constituído para além do tema e da significação, tem-se também a valoração/entoação, todo enunciado é vivo, não se limita a informar, e por isso, todos carregam um julgamento, isto é, uma ênfase valorativa. Por essa razão, ao tratar da relação entre língua, enunciado e interação, afirma-se que

De fato, o ato discursivo, ou mais precisamente o seu produto – o enunciado – de modo algum pode ser reconhecido como um fenômeno individual no sentido exato dessa palavra, e tampouco pode ser explicado a partir das condições psicoindividuais e psíquicas ou psicofisiológicas do indivíduo falante. O enunciado é de natureza social. (VOLÓCHINOV, 2017, p. 200).

A composição de sentidos do enunciado, ou seja, sua valoração, funciona como uma ponte entre o objeto no mundo (referência) e o significante (nome).

[...] a significação só pode pertencer ao signo; a significação sem o signo é uma ficção. A significação é uma expressão da relação entre o signo, como uma realidade única, com uma outra realidade, que ele substitui, representa. A significação é a função do sônico e por isso é impossível imaginar uma significação (que representa uma pura relação, uma função) que exista fora do signo, como um objeto isolado e autônomo. [...] Isso seria tão absurdo quanto considerar "[...] ao comer uma maçã, afirmar que você não comeu uma maçã e sim a significação da palavra “maçã”. O signo é um único objeto material, mas a significação não é um objeto e não pode ser isolado do signo, como se fosse uma realidade independente e fora dele. Portanto, se a vivência possui uma significação, se ela pode ser compreendida e interpretada, isso deve ser feito no material de um signo autêntico, real. (VOLÓCHINOV, p. 119 , 2017.)

Mesmo que a palavra não pertença por inteiro ao sujeito, como, por exemplo obedecer a uma ordem, esse é o responsável pela sua produção, pois é o mobilizador da palavra social e não da palavra abstrata, na acepção de que a palavra não é um ato puramente fisiológico. No entanto, nessa cena específica, as primeiras palavras/enunciados (os primeiros palavrões) são demarcadas para o que a corrente subjetivista individualista chamaria de signo interior primário, pois se trata do simples ato de expressar-se para fora. Entretanto, a palavra final, *Putá que lá merda*, pronunciada em conjunto por Roberto e Samuel, é uma combinação singular de dois outros enunciados, uma atualização do signo, o signo atuando sobre o signo, a palavra sobre a palavra: “A auto-observação é a compreensão de um próprio signo interior. [...] Isso significa

que no processo de auto-observação nós a incluímos em um contexto de outros signos que estão sendo compreendidos” (VOLÓCHINOV, 2017, p. 133).

b) Segundo enunciado

No segundo enunciado, Roberto Carlos está em uma praça pública, em uma fonte de água, junto com outros colegas. Roberto havia fugido da instituição. Margherit vê Roberto o brincando na fonte e chama por ele.

Transcrição da diálogo do segundo enunciado

MARGHERIT: Olá!!!

ROBERTO CARLOS: *Putá que la merda!*

SAMUEL: É namorada, é?

ROBERTO CARLOS: Sua mãe que é minha namorada, palhaço!

MARGHERIT: Roberto!!

ROBERTO CARLOS: Eu vô me mandar.

SAMUEL: Tá com medo do quê?

SAMUEL: Vê lá o que ela quer.

ROBERTO CARLOS: O quê que a dona tá querendo?

(VILLAÇA, 2009)

Cena do filme: segundo enunciado



Fonte: Filme O Contador de Histórias, Villaca (2009)

Nessa cena, a recorrência do enunciado *Putá que la merda* expressa o espanto de Roberto ao ser surpreendido com a presença de Margherit em praça pública. É a mesma unidade linguística, mas com outro tema e uma entoação distinta: Desta forma podemos concretizar que

Por isso não se pode falar que a significação pertence à palavra como tal. Em sua essência, ela pertence à palavra localizada entre os falantes, ou seja, ela se realiza apenas no processo de uma compreensão ativa e responsiva. (VOLÓCHINOV, 2017, p. 232).

Disso decorre que os signos são ligados ao contexto, ao meio de circulação, à entoação e aos demais enunciados que são ativados pela memória, pois: .

O aspecto constitutivo da forma linguística enquanto signo não é sua identidade a si como um sinal, mas a sua mutabilidade específica. O aspecto constitutivo na compreensão da forma linguística não é o reconhecimento do mesmo, mas a compreensão no sentido exato dessa palavra, isto é sua orientação em dado contexto e em dada situação, orientação dentro do processo de constituição e não orientação dentro de uma existência imóvel. (VOLÓCHINOV, 2017, p. 179).

b) Terceiro enunciado

Em uma terceira cena, Margherit convida Roberto para fazer uma viagem surpresa, como presente de aniversário. Roberto aceita e chega ao local de olhos vendados, como parte da surpresa. Ao abrir os olhos, Roberto vê o mar e se espanta. Roberto busca expressar a sensações de admiração e encantamento pela primeira vez com o mar, mas a palavra *lhe* é sufocada.

Cena do filme: terceiro enunciado



Fonte: Filme O Contador de Histórias, Villaça (2009).

No terceiro enunciado discursivo, tem-se, sobretudo, uma compreensão dos limites dos signos. Para Bakhtin (2010), o signo interior em seu sentido puro é apresentado somente para a auto-observação. O discurso interno, ao se tornar exterior e expressar para fora, é obrigado a dominar o material exterior, que possui suas próprias leis, alheias ao interior.

Contudo, uma consciência só se torna consciência social quando ela se apropria da sua encarnação sónica. Assim, o pensamento fora de seu material sónico e da comunicação social é uma consciência não formada e estabelecida, pois, “Enquanto a consciência permanece na cabeça daquele que pensa como um embrião verbal da expressão, ela é apenas uma parte muito pequena da existência, com um campo de ação reduzido.” (VOLÓCHINOV, 2017, p. 212).

Essas dimensões exterior e interior estão indissolivelmente conectadas, de modo que é impossível fora de uma abstração superficial e genérica serem estabelecidas. Os signos interiores são constituídos nas experiências exteriores, que se tornam modos constituintes na auto-observação, atingindo seu limite quando se correlacionam para depois retornarem as experiências exteriores.

Para Volóchinov (2017):

A existência não é apenas refletida no signo, mas também é refratada nele. O que determina a refração da existência no signo ideológico?

- O cruzamento de interesses sociais multidirecionados nos limites de uma coletividade sónica, isto é, a luta de classes.

A classe não coincide com a coletividade sónica, ou seja, com a coletividade que utiliza os mesmos signos da comunicação ideológica. Por exemplo, várias classes podem utilizar a mesma língua. Em decorrência disso, em todo signo ideológico

cruzam-se ênfases multidirecionadas. O signo transforma-se no palco da luta de classes.

A memória histórica da humanidade está repleta desses signos ideológicos mortos, incapazes de serem palco de embate dos acentos sociais vivos, no entanto, uma vez que o filólogo e o historiadores se lembram deles, eles ainda preservam os últimos sinais vitais. (VOLÓCHINOV, 2017, p. 113).

O Círculo de Bakhtin se propôs a conceituar o termo *linguagem* não enquadrando dentro de objetivismos abstratos, ou restritamente aos subjetivistas individualistas, assumindo o campo da filosofia da linguagem para transitar por todo percurso histórico da enunciação.

Não existe palavra em si mesma, como também não existe percurso da enunciação sem o dizer da palavra. Afirmamos que a orientação da palavra é naturalmente um fenômeno do discurso; na sua constituição enquanto desejo de dizer e de encontro com o outro Todos os movimentos e tentativas de expressão do discurso, perspectiva pelas ressonâncias dialógicas e entoações dos enunciados. Assim, há uma relação indissolúvel entre o tempo e o espalho da produção discursiva que absorve os valores que constituem a especificidade das relações dialógicas.

CONCLUSÕES

Tendo em vista as tomadas de posição que travamos neste texto, concluímos afirmando que o enunciado *Putá que la merd,a* nas três cenas apresentadas no filme, revela entonações distintas quando no intercurso de interação de Roberto com os sujeitos Margherit e Samuel.

No filme *O Contador de Histórias* (VILLAÇA, 2009), por diversas vezes, Roberto Carlos se apropria do enunciado para compor materialidades discursivas impregnadas de sentidos distintos: Criação ao pronunciar a palavra pela primeira vez, espanto, ao cumprimentar Margherit no espaço público e de desabafo ou deleite ao se encontrar com o horizonte (talvez infinito) do mar que se descortina a sua frente

As vozes sociais que engendram o discurso no enunciado são reverberadas na dependência dos estados de emoção da personagem Roberto em situação de interação distintas: a primeira com um companheiro, a segunda com a personagem que lhe acolhe e representa mudança de horizontes de vida e a terceira, em uma posição mais intersubjetiva, quando roberto se encontra com o mar, também, aqui, metáfora de uma vida a ser encarada como desafio

O enunciado não possui um significado estável, ele é puramente tema que se realiza no processo de uma compreensão ativa e responsiva. Entretanto, essa construção não está na alma do falante, ou fruto de sua subjetividade individual, mas é um efeito da interação das ideologias do cotidiano.

REFERÊNCIAS

BAKHTIN, M. **Estética da Criação Verbal**. São Paulo: Martins Fontes, 2010

BAKHTIN, M. M.; VOLOSCHINOV, V. N. **Discurso na vida e discurso na arte** (sobre a poética sociológica). Trad. de Carlos Alberto Faraco e Cristóvão Tezza [para fins didáticos]. Versão da língua inglesa de I. R. Titunik a partir do original russo, 1926.

BRAIT, Beth. **Bakhtin: outros conceitos-chave**. São Paulo: Contexto, 2006

STELLA, P. Rogério. Palavra. In: BRAIT, Beth (Org.). **Bakhtin: Conceitos-chave**. São Paulo: Contexto, 2007.

VILLAÇA, L. C. **O contador de histórias**. Filme. Roteiro de Mauricio Arruda, José Roberto. Torero, Mariana Veríssimo e Luiz Villaça. São Paulo, 2009.

VOLOCHINOV, V. N. **Marxismo e filosofia da linguagem: problemas fundamentais do método sociológico na ciência da linguagem**. São Paulo: Editora 34, 2017.